

## *Arte - por que fazemos ou consumimos?*

Arte. É incrível a grande tendência que a maioria das pessoas tem em considerar e aceitar como um fato banal o fenômeno Arte e a forma como este se processa em todas as suas modalidades. Qual seria a razão que leva diariamente milhões de pessoas, se não a fazer, a apreciar as mais diversas formas de expressão artística, como por exemplo, ir ao cinema, ao teatro, observar uma escultura, uma pintura? Dizermos que isso distrai, é não responder a pergunta, pois, se assim fosse, será que não haveriam outras formas de distração? O que nos levaria, da penumbra de um auditório, fixarmos o nosso olhar admirado em um palco iluminado, onde algumas pessoas dançam algo que sabemos ser fictício, mas que nos absorve completamente a atenção?

Talvez Fischer nos dê uma resposta, quando afirma que o homem necessita, ser mais que ele mesmo, querendo ser um homem "total". Esta ânsia que o homem sente de completar-se com o mundo exterior, nos indica ser ele, além de um indivíduo, uma vez que só pode atingir sua plenitude se apoderando de experiências que parcialmente lhe concernem,

e que poderiam ser dele. Nesse aspecto, considera como seu, tudo aquilo que a humanidade, como um todo, é capaz de produzir. E a Arte? A Arte se apresenta como meio indispensável para esta união do indivíduo com o todo, necessidade que lhe é inerente, refletindo, através da expressão artística (tanto produção como consumo), a infinita capacidade humana para a associação, circulação e troca de experiências e idéias.

Quando entramos em contato com a arte, fazendo ou a consumindo, observamos que os laços do cotidiano são temporariamente desfeitos (nem que sejam por segundos) e talvez nesta forma diferente de cativar, resida a natureza do que chamamos "distração", que encontramos até nos trabalhos trágicos.

Toda arte é condicionada por seu tempo, e representa a humanidade em consonâncias com as idéias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Ao mesmo tempo, porém, supera esta limitação, ultrapassando seu momento e garantindo sua continuidade, como ocorre com a

própria história, que nos parece, a primeira vista, descontínua, mas é justamente aí que reside sua continuidade.

O conceito Arte e suas funções, como a maioria dos conceitos, obviamente sofreram alterações com o passar do tempo, acompanhando a evolução do mundo como um todo, com novas funções passando a existir. Hoje em dia, a obra de arte já não tem condições de apoderar-se de um público através da identificação passiva, mas através de um apelo à razão, que ao mesmo tempo exige ação e decisão.

No início, a arte foi magia, auxiliando, através deste aspecto, o homem na dominação de um mundo ainda inexplorado. Este papel, aos poucos, foi cedendo lugar à clarificação social, não só ajudando o homem a reconhecer, mas a modificar a realidade física e social.

Hoje, numa sociedade altamente complexificada, a arte já não pode ser representada à maneira dos mitos, com a função de "fazer mágica", mas deve induzir o espectador à ação, à participação na obra. Por outro lado, nota-se, ainda hoje na arte, um certo resíduo mágico, proveniente de sua natureza original, e percebe-se também, que sem este resíduo, a arte deixa de ser arte.

Em todas as formas de expressão, a arte sempre tem alguma coisa de magia.

A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente, seja qual for o estágio evolutivo de uma sociedade.

**Maria Sílvia de Barros Held**  
( Professora do IAC/PUCCAMP )